



PRAÇA KANTUTA: símbolo de representação, identidade e cultura boliviana na cidade de São Paulo

Rosineia Oliveira dos Santos*

Resumo: O objetivo deste artigo é explicar como os locais de cultura são estratégias para que haja mobilidade dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Como objeto de estudo, temos a Praça Kantuta, local que é símbolo de resistência e representatividade da comunidade Boliviana na cidade. Essa comunidade tem uma realidade sociocultural em São Paulo que está em profundo reconhecimento, tanto de suas práticas religiosas e festividades em datas comemorativas quanto de demarcação de território por eles requerido. Os espaços privados tornam-se símbolos de resistência e não aceitação do estigma imposto por serem imigrantes de descendência indígena. A partir dessa realidade e da pretensão em apontar algumas especificidades do processo migratório, tal como do (a) boliviano (a) e sua recriação cultural, tal como seus entrelaçamentos com a cultura local e entender como o imigrante boliviano na cidade de São Paulo consegue se inter-relacionar, pelos locais de representação cultural por eles denominado. Por meio deste questionamento, nossa resposta é de que a Praça Kantuta é local de ressignificação simbólica desses imigrantes, que sofrem preconceito e carecem de um local em que se sintam valorizados e pertencentes à cidade de São Paulo. Este artigo foi estruturado com as bibliografias de teóricos que discutem e refletem sobre a temática da imigração e a identidade cultural na pós-modernidade. Nesse caminho, desenvolvemos um trabalho com articulação interdisciplinar.

Palavras-chave: Imigração boliviana. Cultura. Praça Kantuta. Identidade.

Abstract: The purpose of this article is to explain how culture sites are strategies for mobility of Bolivian immigrants in the city of São Paulo. As a study object, we have the Kantuta Square, a place that is one of the symbols of resistance and representativeness of the Bolivian community in the city of São Paulo. This community has a socio-cultural reality in São Paulo that is deeply in recognition of both its religious practices and celebrations at festive dates and of some criteria of territorial demarcation required by them, public and private spaces become symbols of their resistance

*Universidade Santo Amaro - UNISA,
São Paulo, SP, Brasil.

Mestre em Ciências Humanas e Professora nas
disciplinas Didática do ensino superior e Metodologia
Científica da faculdade Legale.

E-mail: olisanta@gmail.com

DOI: 10.19177/memorare.v4e32017209-231



REVISTA
MEMORARE



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

and not Acceptance of the stigma imposed. Based on this reality and the pretension to point out some specificities of the migratory process, such as the Bolivian (a) and its cultural re-creation, as well as its interlacing with the local culture. The question to be answered is how the Bolivian immigrant in the city of São Paulo is able to interrelate, for the places of cultural representation they call it? Through this problem, one hypothesis is that the Kantuta Square is a symbolic re-signification place for these immigrants. This article was structured with bibliographies of theorists who discuss and reflect on the issue of immigration and identity in postmodernity. The view of anthropology linked to that of sociology always dialoguing with history. In this way, we develop a work with interdisciplinary articulation.

Keywords ou Palabras clave: Bolivian immigration. Culture. Kantuta Square. Identity.

1. Introdução

Cruzar fronteiras tornou-se um ato comum no mundo contemporâneo, em razão das múltiplas opções de deslocamentos colocados à disposição. Em geral, esses imigrados são pessoas esperançosas por uma vida melhor e mais digna. Isso faz com que este se predisponha a sair do local em que reside e procure novos caminhos a fim de obter valorização profissional e qualidade de vida para si e seus familiares.

Apesar desses imigrantes encontrarem condições desumanas de trabalho, moradia e lazer, esses ainda convivem, em sua maioria, com preconceitos e discriminações. Estudiosos, como o professor Sayad (1998) que retrata o imigrante em um contexto teórico, nos traz a reflexão sobre a imigração, que o mesmo define como um processo total, isto é, que deve ser interpretado face os caminhos percorridos por este imigrante até as formas de inserção deste no país de destino. De acordo com o mesmo autor, esse imigrante vem servir como força de trabalho e passa a constituir um problema para o país que o utiliza.

A necessidade do mercado de trabalho é circunstancial. O imigrante é considerado um ser provisório, mesmo que está provisoriamente há mais de 60 anos, como é o caso dos bolivianos na cidade de São Paulo. Nesse cenário, ele será sempre um estrangeiro. Mesmo os estudos de Sayad (1998) se referirem a imigração Argelina para a França, fundamenta-nos com seu parecer e suas perspectivas que são semelhantes as características de sobrevivência dos vários imigrantes que saem em busca de melhores condições de vida, que segundo o estudioso, essa semelhança não se altera de pessoa para pessoa. Os motivos que geraram essa imigração, ou seja, que levam uma pessoa a emigrar continua sendo os mesmos de uma comunidade para comunidade.

Para iniciarmos o objetivo de nosso artigo que é a imigração boliviana na cidade de São Paulo, com foco na praça Kantuta, local que representa simbolicamente traços da identidade e cultura boliviana, localizada no bairro do Pari região norte da cidade de São Paulo, foi preciso recorrer aos *sites* especializados e a mídia jornalística. O local foi criado para que esses imigrantes tivessem representatividade cultural perante a sua própria comunidade e a comunidade brasileira, e, assim se faz necessário entendermos os mecanismos que contemplam esta feira, que é composta por moradores que em sua



maioria são imigrantes e que por identificação étnica preferem alocar-se em bairros em que estejam seus semelhantes.

Para que haja identificação de uma cultura e o pertencimento a um determinado país, o pesquisador Sidney Silva (2003) informa que um processo deve ser criado - o de inter-relação cultural entre os imigrantes bolivianos, nativos e demais povos que pertencem à cidade de São Paulo, neste sentido, a praça Kantuta é local de representação mimética da cultura boliviana na metrópole, por abarcar em sua criação uma diversidade de sabores, cores e simbolismo.

Para Silva (2003) entender as comemorações culturais de representação que ocorrem na praça, faz com que haja uma multiplicidade de relações, de trocas simbólicas, engendrando uma dinâmica particular ao processo de recriação cultural desses imigrantes. Entender o quanto estas práticas festivas, comemorativas e de convivência são importantes para estes imigrantes, que por meio delas procuram recriar sua identidade em um contexto de diferenciação e/ou estigmatização, faz com que a exclusão que ocorre por meio do preconceito seja visível apenas em momentos de livre concorrência em que demonstram sua agilidade com a venda de roupas que eles confeccionam nas oficinas de costuras espalhadas pela cidade de São Paulo, em casas de aluguel ou galpões.

As comemorações em datas festivas na praça, para essa comunidade ocorrem para identificar e demarcar o pertencimento e a construção/reconstrução de algo adormecido ou esquecido. Os símbolos que representam essa cultura tornam-se muito mais do que festejar, mas para semear, enraizar e proliferar a variedade cultural que esta comunidade demonstra em seu dia a dia, com rituais para divindades e agradecimentos com oferendas as nossas senhoras de *Pachamama* e *Urkupiña* em que demonstram sua cultura e profetizam sua fé, marcantes na identidade cultural andina.

O ser humano expressa sua experiência vivida no contato diário. As especificidades são complexas e possuem um caráter único. Generalizações, neste caso, devem ser feitas com critérios. Para compreender o que o ser humano faz, é necessário entender uma ação dentre várias outras e localizá-la, caracterizá-la. No estudo da cultura, a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas, não generalizar por meio dos casos, mas generalizar dentro deles, e por meio deles. Por mais complexas que sejam as identidades



culturais envolvidas por essa transição, haverá um momento em que ocorrerá a ruptura. Para isso, temos que analisar o sujeito como pensante e determinante em cada contexto sociocultural, ou seja, fundamental para contextualizarmos as práticas comemorativas e de encontros entre seus pares na praça.

O interesse específico em estudar os aspectos identitários culturais dos bolivianos em São Paulo, utilizando como ponto estratégico de representatividade os locais que os remetem a sua cultura, como foco do presente artigo, ocorreu a visita na Praça Kantuta, para compreendermos esse local de representação simbólica desses imigrantes na cidade. Com esse novo olhar, inserimos imagens que foram tiradas em duas visitas que fizemos à praça Kantuta, nos dias 20 de junho e 15 de agosto de 2016.

Trata-se, portanto, de um processo atual e dinâmico, pois o afluxo de imigrantes tem se mantido e apresenta novas configurações e desafios. Nesse sentido, apresentar um quadro que seja coerente e fiel à realidade vivida por este grupo não constitui uma tarefa fácil. Estudos de novos grupos de imigrantes revelam que na verdade o Brasil continua inserido na dinâmica das migrações internacionais e que a imigração não é uma realidade pretérita na história do país.

2. A identidade cultural boliviana na cidade de São Paulo

Quem parte leva consigo a saudade dos que ficam, sonhos de uma vida melhor, crenças e tradições que expressam um modo de ser diferente, próprio da cultura em que foi socializado. Entretanto, em um novo contexto, não é possível reproduzir todos os elementos culturais que poderiam se estivessem em seu país de origem.

Dessa forma, os imigrantes tentam recompor alguns traços de sua cultura na cidade de destino. Como em nosso caso de estudo na cidade de São Paulo, especificamente, a praça Kantuta como meio de ressignificação de suas práticas culturais explorando o contexto interétnico, neste sentido, trata-se de um grupo diferenciado nosso objeto de estudo, tanto socialmente quanto etnicamente e culturalmente (SILVA, 2006).

Alguns desses imigrantes residem na cidade há pelo menos 50 anos, outros há menos tempo, como é o caso dos que trabalham nas oficinas de costura. Esses últimos a chegar na cidade de São Paulo, de acordo com Silva (2006) geralmente, são imigrantes,



jovens e pouco qualificados e enfrentam uma série de dificuldades, entre elas a falta de documentação, a exploração da mão de obra, a solidão, entre outras. Entretanto, esses imigrantes enfrentam em maior ou menos grau a discriminação por ser boliviano oriundo de um país pobre, com raízes indígenas e frequentemente, relacionadas à produção de entorpecentes (XAVIER, 2010).

Ser cidadão de uma determinada nação é pertencer a uma cultura específica, um idioma, uma fronteira geográfica, a um conjunto diversificado, porém, narrados como únicos, de características que vão compor uma enunciação em torno de um estado e de uma nação. Neste sentido, o ser francês é aquele indivíduo que comunga com outros seres, vários discursos e narrativas que constroem uma instância significativa, histórica e um repositório de memória e expectativas que o integram a essa configuração espaço-temporal que se convencionou a chamar de país, nação, estado francês. O conceito de Estado-Nação é, portanto, fundamental, para a compreensão do sentido de pertencimento. Tanto político, como cultural. (ZANFORLIN, 2011).

Com a chegada da globalização que teve seu início na década de 1970, fez com que esse mecanismo ditasse um único modelo de civilização e de desenvolvimento que é proposto como meta para todos os povos e terras, independentemente de qualquer reflexão que leve em consideração relativismos econômicos, políticos, sociais e, sobretudo, culturais. Obviamente, esse discurso vem acompanhado do discurso político ou da argumentação cultural correspondente, a fim de que populações de todas as divisões nacionais, por intermédio de seus grupos dominantes, convença-os de uma forma ou de outra que ela, com seu atual conteúdo é o único horizonte dos povos do planeta. Com isso, todas as culturas sofrem, tanto as receptoras quanto as que se deslocam em busca de melhores condições para suprir suas necessidades internas e externas.

Geertz (2008) recupera o conceito de Max Weber que esclarece que o homem é um ser amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura é, portanto, uma ciência interpretativa, em busca do significado. O comportamento é uma ação simbólica. O fluxo do comportamento (ação social) faz com que as formas culturais se articulem. O significado emerge do papel que desempenham, nesse sentido a cultura é pública porque o significado também o é. No estudo da cultura, os significantes não são



mais sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Com isso, identificamos que toda transferência que se faça requer um local de partida e um local de chegada, que será permeado por uma trajetória e um meio de fazê-lo, envolvendo causas diversas que condicionam as escolhas desses imigrantes e/ou famílias que decidem mudar de país. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos que torne possível àquilo que somos e aquilo na qual podemos nos tornar.

A representação compreendida mediante um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela baseia-se, fornece possíveis respostas as questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (BAENINGER, 2012). As imigrações ocorrem de certa forma neste sentido, ou seja, são forçadas. Elas se constituem em dramas humanos em trânsito. De diferentes lugares do mundo e pelos mais diversos motivos, muitas pessoas individuais e em grupos deslocam-se para outras regiões e países em busca de sobrevivência, paz, melhores condições de trabalho e de vida, dignidade, enfim, partem com alguma esperança que possa lhes valer. Porém, na maioria das vezes a situação só se agrava.

De acordo com Sayad (1998) a comunicação intercultural se dá nos relacionamentos que esses imigrantes estabelecem. Com isso, identificam as dificuldades e facilidades na cidade e diante desta dificuldade surgem propostas que exploram cada vez mais a relação complexa que envolve a mudança, necessidade, desejo, afetividade, vínculos, expectativas, realidades e o local que escolheram para viver, ou seja, os motivos que o levaram para a escolha desta mudança são simbólicas, portanto, vai além de uma identidade cultural aplicada, mas de analisarmos o sujeito sociológico e o pós-moderno e quais contextos ocorrem esse enquadramento.

A convivência de diversas culturas no mesmo espaço implica tolerância mútua entre os cidadãos brasileiros e os imigrantes legais/ilegais. Porém, esta tolerância as diversidades, também, têm seus limites uma vez que estas pessoas sofrem preconceitos



dos mais diversos tipos, justamente por serem excluídas da sociedade que também ajudam a construir, criando símbolos culturais que ficam à margem.

Tais situações ameaçam diretamente a manutenção dos direitos humanos destes indivíduos, pois os mesmos, apesar de se encontrarem legalmente inseridos na comunidade, têm seus direitos humanos ameaçados justamente por serem estrangeiros. O fenômeno migratório pressupõe cada vez mais a presença do multiculturalismo e da interculturalidade (SILVA, 2005).

Hall (2005) também informa que a descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, constitui uma ‘crise de identidade’, ou seja, esses processos de mudanças tomados em conjunto, representam um processo de transformação e nos leva a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Distinguem-se três concepções de identidades, de acordo com o autor.

O Sujeito do Iluminismo-baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, e de ação cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia deste o nascimento e ao longo de toda sua vida, permanecendo totalmente o mesmo. O Sujeito Sociológico- reflete a complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo moderno não era autônomo e autossuficiente, mas isto era formado na relação com outras pessoas importantes para ele. E o Sujeito pós-moderno - a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Neste sentido, o nosso sujeito em destaque é o último uma vez que, sua identidade é mutável e transformada em cada cultura emergente.

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados.

Silva (2006) destaca a estreita relação entre as concepções de cultura e identidade. Percebe-se que a noção de identidade também apresenta vieses distintos, podendo ser entendido como vinculação original de um indivíduo aos seus grupos (suas raízes), como resultado de um patrimônio genético (sua raça) ou como resultado de uma herança cultural (sua cultura).



O que na verdade, deve ser enfatizado em qualquer situação é a natureza social da identidade conforme Cuche (2002, p. 182)

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.

As várias representações que estes imigrantes bolivianos vivenciam em seu dia a dia, demonstram o que Frans Boas citado por Cuche (2002) descreve como reconstruir as várias histórias que formam a história dos povos, e para comparar a vida social dos diferentes povos existentes na humanidade devemos entendê-lo por meio de suas raízes. Nem sempre a cultura local é superior a cultura imigrante.

Por meio destas explorações e observações que a praça Kantuta é local, simbolicamente conhecida pela sua inclusão e aceitação dos imigrantes por ser tratar de um território marcado por encontros e reencontros, local também que é, estrategicamente, conhecido por sua diversidade étnica de representação cultural, religiosa e com uma identidade forte, marcada pela resistência.

3. Praça kantuta - símbolo que representa a comunidade andina na cidade de São Paulo

A Praça Kantuta antes de ser oficializada pela prefeitura como um dos símbolos que representa a comunidade boliviana na cidade de São Paulo sofreu muitas transformações. Conhecida popularmente, entre os bolivianos, como um dos locais de encontro e reencontro entre os andinos na cidade. A praça tornou-se, de certa forma, local de representação das comunidades da América Latina no Brasil.

Para Alves (2002) anterior ao ano de 2004 a Praça Padre Bento era popularmente chamada de Praça do Pari, local que abriga a Igreja de Santo Antônio do Pari. Mas, foi oficializada com nome de Praça Kantuta em 2004. Neste local, na antiga Praça Padre Bento, segundo o autor (2002) era ofertado somente vagas de emprego nas confecções da cidade de São Paulo, ou seja, este território representado pela insegurança



e desemprego, uma vez que, naquela época, muitos imigrantes viviam em condição de ilegalidade na cidade de São Paulo.

Para prosseguirmos com o descrito nesse artigo, cabe entender o que significa ‘Kantuta’ que é o nome de “uma flor que nasce no altiplano andino de cor vermelha, verde e amarela, a mesma que colore a bandeira da Bolívia” (SILVA, 2006, p. 78). O nome, portanto, foi escolhido por representar o país e, por conseguinte a comunidade boliviana residente em São Paulo, de maneira que se possa reunir sem necessariamente, fazer menção às diversidades étnicas e culturais que formam a Bolívia (ZANFORLIN, 2012).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN (2009) divulgou a ficha de identificação de lugares, por meio do Inventário Nacional de Referências Culturais sobre o Bairro do Bom Retiro, o bem de nº 146, denominando a Feira Kantuta um bem cultural e segundo o instituto a feira teve início em frente à igreja Santo Antonio do Pari.

A ficha 50 de Identificação de Lugares do Inventário Nacional de Referências Culturais do IPHAN (2009) destaca a importância do aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento por meio do reconhecimento das “relações de sociabilidade entre brasileiros e latino-americanos que ocorrem na Feira, seja por meio do comércio, dos serviços, das trocas culturais” (IPHAN, 2009, p. 07). A feira apresenta características únicas dentro da comunidade local a qual pertence, por ser espaço destinado à reunião dos imigrantes bolivianos em sua maioria, mas também de peruanos e de paraguaios, moradores da cidade de São Paulo. Essa característica foi descrita conforme a ficha de nº 50 do Inventário Nacional de Referências Culturais do IPHAN (2009).

Na formação estrutural da praça, os encontros ocorriam aos domingos à tarde. Ele reuniam-se para rever os amigos compatriotas, degustar comidas típicas, comprar produtos típicos e até conseguir um emprego.

A praça Kantuta, também é conhecida por sua diversidade cultural, uma vez que as danças oriundas da Bolívia têm representação significativa aos domingos. A nossa



senhora de *Pachamama*¹ (mãe terra) está presente em cada barraca de comida típica das várias cidades que compõem a Bolívia.

Em São Paulo, a primeira edição das celebrações para a *Pachamama*, foi realizada com poucas barracas na Praça do Pari em São Paulo, no ano de 1999. Neste dia, ocorre a cerimônia de abertura, com alguns representantes da comunidade boliviana na cidade de São Paulo. Concluída essa fase do cerimonial, o festival continua com a entrada do *Ekeko*² em pessoa, representado nos últimos anos pelo Dr. Rolando Panoso Téran, presidente da Sociedade Folclórica Boliviana o qual é acompanhado por um grupo de dançarinos. Dando seguimento à festa, o grupo folclórico apresenta algumas danças típicas, entre elas a *morenada*³, a *diablada*⁴, os *caporales*⁵, entre outros, tudo em homenagem ao Deus da abundância. A festa segue no decorrer do dia. (SILVA, 2003).

A praça Kantuta, além de ser um espaço de manifestação cultural é também local de vários encontros. Em que várias redes de comunicações e solidariedade são acionadas, pois por lá passam cerca de 3 mil pessoas todos os domingos (SILVA, 2003).

Na atualidade a administração da praça ficou a cargo da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento, que obtém subsídios pelos próprios feirantes. A regulamentação da praça ocorreu no dia 24 de setembro de 2004 (SILVA, 2005).

Alguns fatores demarcam este território carregado de significados e intensificam o processo de aceitação do outro como parte integrante das várias etnias que compõem a metrópole. O incômodo com a presença estrangeira e as manifestações de seus costumes e alguns rituais culturais, causam na população local estranhamento e preconceito, ainda

¹ Pachamama (do quéchua *Pacha*, "universo", "mundo", "tempo", "lugar", e *Mama*, "mãe"; "Mãe Terra") é a deidade máxima dos Andes, Bolivianos e Peruanos do noroeste argentino e do extremo norte do Chile. Vários autores consideram Pachamama como uma divindade relacionada com a terra, a fertilidade, a mãe, o feminino. ^[2] Pacha Mama é uma deusa que produz, que engendra. Segundo a tradição, sua morada está na Favela de Cerro Blanco (Nevado de Cachi), em cujo cume há um lago que rodeia uma ilha habitada por um touro de chifres dourados e salivantes que ao mugir, expele nuvens de tormenta pela boca.

² Um deus familiar Ayamara que simboliza a fecundidade, a alegria, a abundância e a prosperidade. O termo aymara "Alasita" significa "compra-me".

³ Dança típica que remonta a sátira escura é uma característica de algumas danças andinas, criado com o objetivo de crítica censura, e ridículo, neste caso, o sofrimento da população negra que atinge o platô.

⁴ Dança do Diabo mostra uma visão de mundo profundamente raízes no culto andino de "supay" mal do "Huari" deus das montanhas e o diabo da liturgia católica.

⁵ Caporales é uma dança tradicional da Bolívia originada no Departamento de La Paz, criada e apresentada ao público pela primeira vez em 1969 pelos irmãos Estrada que foram inspirados na Saya afro-boliviana caráter, uma dança que pertence à região de Yungas, na Bolívia.



mais quando esse outro carrega consigo marcas étnicas entremeadas por estereótipos e ignorâncias.

Dessa forma, a paisagem da Kantuta se apresenta como repositório de uma identidade emergente. E, que por sua vez deve ser lida pela chave da diferença, ou da alteridade? Como argumenta Canclini (2015). Ou é porosa aos contatos interculturais, não apenas em relação a cidade de São Paulo, mas inclusive a outras comunidades migrantes? (SILVA, 2005). O que é mais decisivo nesta perspectiva de Silva (2005) é a desigualdade social e as diferenças entre as culturais, que para ele geram estigmatização e exclusão do imigrante boliviano nas cidades que sobrevivem.

A pergunta lançada por Canclini (2015) é respondida pelo próprio autor da seguinte forma: “na medida em que a desigualdade socioeconômica lhes afigura imutável, alguns movimentos étnicos tendem a concentrar-se nas diferenças culturais ou até mesmo genéticas. “(...) Quem supõe que sua maior fortaleza reside nas diferenças culturais tende a absolutizá-las” (2005, p. 57).

As crianças bolivianas também têm seu espaço social na praça. Elas brincam com as outras crianças do bairro na brinquedoteca construída pelos próprios feirantes. “Percebemos que os filhos também carregam o preconceito dos adultos. Então, brincar junto é uma maneira de quebrar essas barreiras”, analisa assistente social Maria Vieira, que coordena a brinquedoteca e que concedeu entrevista ao *site* Bolívia Cultural e complementa “esse espaço funciona todos os domingos e buscam-se voluntários para brincar com as crianças”(BOLIVIAACULTURAL, 2016).

A feira da Kantuta e suas festas enquadram-se ao conceito dos “lugares de hospitalidade” definidos por Baptista (2008, p. 14). São locais que corroboram pela identificação das relações pessoais, pertencimento do grupo e os lugares de afirmação identitária.

A intervenção de grupos ativos de manifestações sociais imigrantes, foi providencial junto à prefeitura, levando os apelos da comunidade para encontrar um espaço próprio para esses encontros. De acordo com Zanfolin (2011, p. 33) um depoimento chamou a atenção em seu processo de construção da tese de doutoramento o de Dom Carlos “Não queremos que vocês não tenham mais onde se encontrar, mas queremos dar-lhes um espaço” que é presidente da associação cultural da Kantuta em depoimento outubro de 2009.



Outra experiência vivenciada na Kantuta, além das artes é a gastronomia. É preciso deixar que a curiosidade do viajante se sobreponha ao preconceito. A experiência gastronômica é obrigatória neste espaço, por exemplo, está logo à entrada da feira, na Rua Pedro Vicente o *anticucho*. “O *anticucho* é coração de boi no espeto, e o churrasquinho acompanha batata e molho de amendoim (*maní*)”. Se perguntam antes de comer, fazem uma careta e dizem não” (ZANFORLIN, 2011, p. 39).

Imagem 1 – Anticucho- coração de boi no espeto, e o churrasquinho acompanha batata e molho de amendoim (*maní*)



Fonte: (SILVA, 2003).

Bem menos exóticas são as *empanadas* e *salteñas* (as duas são o que chamamos de Calzones no Brasil), vendidas em mais de 10 barracas da Praça Kantuta.

A Saltenha (do espanhol *Salteña*) é um tipo de pastel assado originário da Bolívia em que se consome principalmente pela manhã, sendo vendida e consumida em praças e ruas da Bolívia. Com formato arredondado este produto se caracteriza por ser muito acessível: seu preço na Bolívia por unidade é de cerca de 0,40 centavos de dólar, mas podem-se encontrar também Saltenhas a 0,15 centavos, no Brasil varia entre 5 e 6 reais a unidade. Abaixo imagens das Empanadas e Saltenhas.



Imagem 2 - Empanadas



Fonte: (BOLIVIANACULTURAL, 2014).

Imagem 3 – Salteña



Fonte: (SILVA, 2003).

Elas têm o cheiro matinal da capital boliviana. São assadas a todo instante e a procura é grande. De acordo com Zanforlin (2011) no fim da tarde o estoque da barraca de *don* Carlos Soto já tinha acabado. “As pessoas me perguntam qual é a melhor barraca e eu lhes digo que é preciso experimentar de cada uma para descobrir”, brinca. Uma dica vale para todas: coma-as com colher, para não manchar a roupa “repare como os bolivianos à sua volta fazem”.



Outro alimento bastante consumido na praça Kantuta é a sopa, entrada obrigatória a qualquer prato boliviano, que pode ser de legumes, verduras ou somente um caldo servido antes das refeições (ZANFORLIN, 2011).

Imagem 5 – Sopa boliviana – servida como entrada antes das refeições



Fonte: (BOLIVIA CULTURAL, 2014).

Outro alimento típico da culinária boliviana é o *api* (suco de milho roxo, que se bebe quente) (BOLIVIA CULTURAL, 2013). Essa bebida é muito consumida no café da tarde dos bolivianos que vivem sob temperaturas baixas, mas é tão saboroso que vai bem até em dias de calor. O acompanhamento ideal do *api* é o *buñuelo*, uma massa caseira frita (como a do pastel brasileiro, mas sem recheio, mais grossa e redonda). Ambos, caracterizados na imagem 04 e 05.



Imagem 4 - Api -suco de milho roxo, que se bebe quente



Fonte: (BOLIVIACULTURAL, 2014).

Imagem 6 - Buñuelos bolivianos (Rosquinhas)



Fonte: (BOLIVIACULTURAL, 2014).

Duas mil pessoas visitam a Kantuta a cada domingo, e cerca de 90% delas são bolivianos, entre nativos e descendentes (CAMARGO, 2006). Eles vêm aqui para se encontrar-se, divertirem-se e viver um pouco dos costumes de seu país, mas é cada vez mais comum encontrar entre as barracas, paulistanos curiosos em conhecer melhor essa cultura, entender sua gastronomia e conviver com o diferente. Outras etnias também



estão conhecendo melhor a praça, uma vez que é possível observar que elas estão praticamente todos os domingos na Kantuta.

Algumas tendas coloridas que compõe a paisagem da Praça, são compostas também por objetos musicais, vasos e potes. Há muitas variações da típica flauta de *pã* boliviana, que é tocada por grupos folclóricos. Há vários deles (alguns até com 300 bailarinos acompanhando) que se apresentam na Kantuta nas datas importantes da Bolívia, como a Festa das Alacitas em 24 de janeiro, e o Carnaval comemorado na mesma época em que o brasileiro (SILVA, 2003).

Imagem 7 – Flautas de pã



Fonte: (BOLIVIA CULTURAL, 2014).

Algumas datas comemorativas no Brasil também são semelhantes as dos imigrantes, como por exemplo: o dia das mães e o das crianças. Outra grande festa comemorada, em agosto de cada ano é quando são celebrados os anos de Independência da Bolívia. Nesta época a comunidade boliviana reúne-se na praça para se deleitar com essa conquista.

Carlos Soto, um dos fundadores da praça Padre Bento, quer transformar todos os domingos da feira em festa. “Vamos trazer grupos folclóricos para dançar ou tocar toda semana”. Ele aposta na Kantuta como um ótimo programa de domingo para estrangeiros, além de poder, talvez, mudar a visão negativa que se tem sobre os



bolivianos no Brasil. “Antes, éramos traficantes internacionais de drogas, hoje somos escravos nas confecções do Bom Retiro. Ninguém conhece nossa cultura, nem sabe que tem muitos médicos bolivianos”, por exemplo, que trabalham em hospitais brasileiros e complementa “estamos sempre trabalhando para os outros” (ZANFORLIN, 2011, p. 102).

Imagem 8 – Praça Kantuta aos domingos – visão geral



Fonte: (SANTOS, 2016).

Segundo Zanforlin (2011) a Kantuta que é o principal ponto de encontro da comunidade boliviana aos domingos na cidade de São Paulo, festejou seu 14º ano de instituição jurídica em 2016, porém, o *site* informa que a associação atua a pelo menos 18 anos na cidade de São Paulo. Neste dia, 06 de agosto, também ocorre a procissão das Imagens de nossa senhora de Copacabana e nossa senhora de Urkupiña em homenagem a cidade de La Paz que festeja os 270 anos do 1º grito libertário das américas.



Imagem 9 – Nossa senhora de Copacabana e Urkupiña



Fonte: (SANTOS, 2016).

O artesanato é símbolo que representa quase todos os imigrantes bolivianos na praça Kantuta. E sua variedade de cores, modelos e tamanhos, ficam espalhados pelas várias barracas que compõe esse cenário. Representados na imagem 10 e 11.

Imagem 10 – Artesanato boliviano vendidos na praça kantuta



Fonte: (SANTOS, 2016).

Imagem 11 – Descrição em miniatura que representa a mulher imigrante boliviana – material em borracha



Fonte: (SANTOS, 2016).

A variedade gastronômica do povo andino também identifica a diversidade que contempla a Bolívia.

Imagem 12 – Condimentos alimentícios bolivianos vendidos na praça Kantuta aos domingos



Fonte: (BOLIVIACULTURAL, 2014).



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
UNIVERSIDADE NOVA DE SUL

www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

4. Considerações Finais

Apesar da mescla de elementos de várias culturas, das diferentes formas de apropriação, combinação e transformação de elementos simbólicos, ainda subsistem os movimentos de afirmação do local.

A cidade tornou-se para muitos imigrantes bolivianos, um dos principais destinos de recomeço no Brasil. A megalópole continua representando para eles a possibilidade de mobilidade social, ou seja, para aqueles menos qualificados, os quais se inserem no concorrido setor da costura, ou para os mais qualificados como é o caso dos profissionais liberais, entre eles, médicos, dentistas, engenheiros, técnicos entre outros, é o alcance da ascensão tão sonhada.

Para que possamos entender a representatividade de uma cultura imigrante ao se instalar em um país e com isso, conseguir unir elementos que representam e que façam desenvolver sua identidade cultural na cidade em que reside é fator preponderante para sua sobrevivência.

Com essa observação, destacamos a necessidade de ampliação do foco sobre o tema da imigração contemporânea, para novos elementos que se somam para além de uma visão dividida e simplificada da relação entre a migração e o pertencimento.

A diversidade dos relacionamentos que eles estabelecem identificam as dificuldades e facilidades de adaptações na cidade, diante desta perspectiva a proposta foi perceber a relação cada vez mais complexa que envolve mudança, necessidade, desejo, afetividade, vínculos, expectativas, realidades e o local que escolheram para viver, ou seja, os motivos que levam esse imigrante para a mudança territorial e para se estabelecerem em outro país.

Hibridizar não significa subjugar o local ao global. Mas, com o movimento migratório, principalmente nas grandes cidades, desenvolvem-se, também, diferentes maneiras de apropriação dos territórios, combinando-os e transformando-os. Neste sentido, o nosso objeto de estudo que é a praça Kantuta, aliada aos vários elementos simbólicos que se constituem recriaram um território de pertencimento e valorização dos imigrantes, que se sentem excluídos por se sentirem diferentes. Um sujeito que quer ser representado, não perdendo sua identidade e para que essa distância, entre o país receptor e o país de origem tenha o menor resquício possível.



Os bolivianos que vivem no Brasil, cada qual, com suas lentes, ao se depararem com o cotidiano paulistano fazem suas interpretações e reinterpretações dos novos caminhos que se moldam em suas vidas. Sobreviver em outro país implica construir e reconstruir representações sociais e se adaptar aos novos processos existentes na nova sociedade.

Referências

BAENINGER, Rosana (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BRASIL-BOLÍVIA. **Kantuta é um pedaço da Bolívia na capital paulista**. São Paulo: Brasil Bolívia, s. d. Disponível em: <http://www.brasilbolivia.com.br/praca_kantuta_br.htm>. Acesso em: 15 de mar de 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. (trad.) Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4.ed., 7 reimp. São Paulo: EDUSP, 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. (Trad. Viviane Ribeiro). 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar: Rio de Janeiro, 2008.
HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. (Org.) Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IPHAN. **Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** (2009). Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/MesProfPat_PraticasReflexoes_5_m.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Orgs). **Discutindo identidades**. Humanitas/CERU: São Paulo, 2006.

MIRANDA, Angelina. **Há 57 anos no Brasil, boliviana é um baú de histórias**. Disponível em: < <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/ha-57-anos-no-brasil-boliviana-e-um-bau-de-historias>> Acesso em: 14 de out. de 2016.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. Edusp: São Paulo, 1998.
SANTOS, Rosineia Oliveira dos. **Imigração na cidade de São Paulo: construção e desconstrução da identidade cultural boliviana**. (dissertação de mestrado). 139f. Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Santo Amaro, 2017.



SILVA, Sidney Antônio da. **Festejando a Virgem/Mãe/Terra numa pátria estrangeira**: devoções marianas num contexto de permanências e mudanças culturais entre os imigrantes bolivianos em São Paulo. 326 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.

_____. **Virgem/Mãe/Terra**: festas e tradições bolivianas na metrópole. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2003.

_____. **Imigrantes no Brasil**: Bolivianos, a presença da cultura andina. São Paulo: Companhia Editora nacional, 2005.

ZANFOLIN, Sofia Cavalcanti. **Etnicidade, migração e comunicação**: etnopaisagens transculturais e negociação de pertencimentos. 2011 (tese de doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Departamento Comunicação e cultura. 186f. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
<http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=6> Acesso em: 15 de dez. de 2016.

Submetido em: 23/02/2017. Aprovado em 20/10/2017.

